

Villas critica pressa para integrar o índio

ESP 13.10.76

Do Serviço Local

O sertanista Orlando Villas-Boas, conselheiro da Funai, é "totalmente a favor" da corrente de antropólogos que defendem "uma aculturação gradativa do índio, na qual este caminhará, etapa por etapa, para a inevitável integração".

Ao declarar isso, ontem, em São Paulo, Villas-Boas reafirmou sua posição contrária aos partidários de "um processo agressivo na caminhada integrativa", entre os quais se inclui o ministro Rangel Reis, do Interior, que anteontem se manifestou favorável à aceleração do processo de emancipação das comunidades indígenas no País.

"Convém lembrar" — argumentou Orlando — "que, depois de cinco séculos de contato, não temos no Brasil sequer uma comunidade ou mesmo um só índio integrado. O que temos como resultado do processo aculturativo são comunidades esfacelando-se ou ainda em meio do caminho." E explicou: "Não podemos hoje reconhecer como integrada qualquer comunidade indígena, já que não é dela a faculdade de decisão para nada."

O sertanista teme, assim, que se venha a submeter o Estatuto do Índio a alguma modificação, hipótese admitida pelo ministro, que se mostrou propenso a repudiar a determinação do documento de que a emancipação só pode ser concretizada com a aprovação da ideia pela tribo. Segundo o ministro, quem deve decidir a época para a emancipação é "o órgão de assistência a essas comunidades", a Funai. Orlando preocupa-se com essa possibilidade: "Toda vez que mexeram no Estatuto" — diz — "foi para dilapidar os direitos dos índios."

VALORES

Para o conselheiro da Funai — cujas funções hoje se limitam basicamente a assessorar o presidente do órgão e proferir palestras em universidades —, há uma nítida diferença entre "aculturação" e "integração", "embora a maioria dos etnólogos veja tudo como uma coisa só". A aculturação, explica Orlando, "não é o que ameaça a comunidade tribal", pois consiste em conquistas como a substituição do machado de pedra pelo de ferro. Já a integração implica, segundo Orlando, a quebra de valores mais profundos, como os culturais e religiosos.

O que justifica a oposição de Orlando à tese da integração imediata é a inexistência de condições que permitam o desenvolvimento pleno das comunidades indígenas, a ponto de poderem competir em igualdade de condições no comércio regional.

E é isto, que deixa no vazio, segundo se deduz das declarações de Orlando, a crítica do ministro Rangel Reis sobre "experiências como a do Parque Nacional do Xingu, onde as tribos não foram preparadas para o inevitável contato com a civilização, vivendo como se estivessemos ainda em 1500".

Orlando Villas-Boas, organizador e primeiro administrador do parque, pergunta "Vamos abrir as fronteiras do Xingu para levar o índio a participar do quê? De uma vida escrava, como mão-de-obra barata nas fazendas ao redor? Para lhe dar uma enxada? Para participar das frentes garimpeiras ou seringueiras, ultrapassadas dentro da estrutura extrativa?"

PATRIMÔNIO

A incorporação da massa indígena à força de trabalho, lembra Orlando, não constituiria um benefício capaz de compensar outras consequências. "Se sacudirmos as áreas indígenas — afirma —, vamos apurar, após o esforço, nada mais que uns 40 ou 50 mil braços à disposição dos tentáculos insaciáveis da sociedade envolvente. Em troca, teríamos perdido todo um patrimônio cultural que hoje representa um bem não apenas nosso, mas de toda a humanidade. Talvez se chame isso de poesia. Talvez também estejam com a razão, pois o nosso índio se confunde com a natureza e, por esta, já perdemos todo o respeito. Ali estão o Brasil Central e a Amazônia devastados, para que se transformem num imenso capinzal."

A única coisa que "pode justificar tudo isso" — diz o sertanista — com a "aceleração, em moldes modernos, do desaparecimento do nosso índio, seria o afastamento das horrendas questões de terras nascidas das invasões". Mas Orlando adverte: "Dispersando as comunidades indígenas, estaremos engrossando, sem dúvida, a massa sofrida da população marginalizada do País".

ATRASO

A preparação do índio para uma integração que o futuro tornará inevitável exige, segundo Orlando, "uma etapa final" no trabalho da Funai em relação às comunidades já contatadas. Ele diz que há numerosas tribos onde os índios estão "parados", à espera da criação das condições que lhes permitirão dialogar, em igualdade de condições, com a sociedade envolvente. "No Sul do País, no Estado de São Paulo e no Sul de Mato Grosso, vemos tribos cheias de jovens vigorosos, velhos rijos, prontos para isso. O que falta é o desenvolvimento das comunidades" — afirma.

Orlando concorda com o ministro Rangel Reis quanto ao atraso do trabalho da Funai, citando exatamente a ausência de um programa do tipo que propõe em relação, por exemplo, à tribo dos canganhas, de São Paulo, contatada em 1910.

Quanto aos índios que se encontram "ainda em estado puro", embora seja partidário de sua aculturação e integração gradativa, afirma que "estão mais felizes que os do Sul". E baseia seu raciocínio numa constatação de suas antigas experiências como comandante de frentes de contatado de tribos arredias, o que, faz o sertanista se certificar de que está próximo da ideia é a manifestação de riso dos índios. "O índio isolado — diz — é alegre".